

# Uma ótima convivência de seis décadas com Jacob

*Sergio Machado Rezende*

Professor Titular do Departamento de Física da UFPE

Tomei conhecimento da proeminência de Jacob pelos jornais. Isto foi no Rio de Janeiro, em dezembro de 1957, portanto há 62 anos. Eu tinha concluído o 2º ano do curso científico e estava colhendo informações sobre os cursinhos preparatórios para os exames vestibulares de engenharia. Foi quando vi nos principais jornais do Rio anúncios do Curso Universitário, com fotos de Jacob. O anúncio dizia que este aluno do Universitário tinha sido aprovado em primeiro lugar nos vestibulares do ITA, da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), e da Escola Politécnica da PUC/RJ. Não tive mais dúvidas, fui ao Universitário e fiz minha matrícula.

As aulas iniciaram em março de 1958 e logo na primeira semana, para minha grata surpresa, Jacob entra na sala de aula para ensinar trigonometria e cálculo. Ele estava no primeiro ano de engenharia civil da “Nacional” e já era professor do curso. E logo vimos que era um ótimo professor. Sua didática era primorosa. Ele era animado, brincava com a turma, e suas aulas eram estimulantes. Alguns dias antes da Semana Santa, Jacob apresentou uma lista com dez problemas de trigonometria para serem resolvidos nos feriados, e disse que todos que resolvessem a lista completa receberiam um prêmio em dinheiro. Não tive dúvidas, passei os feriados trabalhando nos problemas. Na primeira aula dele após os feriados, a maioria da turma entregou cadernos com as soluções. Na semana seguinte ele levou os cadernos corrigidos, anunciou que somente uma lista estava inteiramente correta, e chamou nominalmente cada aluno para entregar seu caderno. Deixou o caderno da lista correta por último, e quando disse meu nome e levantei o braço, manifestou certa surpresa. A razão, me disse ele depois, é que eu era calado, não fazia perguntas e não respondia às perguntas dele. Então ele chamou o diretor do curso, Luiz Loureiro, que puxou a carteira do bolso, retirou algumas notas de dinheiro vivo e me entregou. Aquele evento foi muito motivador, serviu para aumentar minha confiança nos estudos e para admirar mais o professor Jacob.

Logo chegou o final do ano e as datas dos exames vestibulares. Fui aprovado em segundo lugar na PUC e em terceiro na Nacional. Os ensinamentos de Jacob e o estímulo para estudar que ele transmitia certamente contribuíram para meu desempenho. Fui para a PUC pois queria fazer o curso de engenharia eletrônica, que não havia na Nacional. Por isso perdi o contato direto com Jacob por alguns anos. Durante o curso fui bolsista de iniciação científica no Instituto de Física e fiz alguns cursos esporádicos de eletrônica experimental no CBPF. Por um colega que fazia cursos no IMPA, soube que Jacob era frequentador assíduo de lá, e era considerado um gênio da matemática. Pouco depois de formado fui para Boston fazer o mestrado e o doutorado, naquele tempo não havia pós-graduação no Brasil, e soube que Jacob

estava fazendo o mesmo em Berkeley. Logo que obtive o doutorado voltei para o Brasil, e em 1968 fui contratado como professor de física pela PUC.

Reencontrei Jacob em 1969, no Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que tinha sede na Avenida Marechal Câmara 350, no centro do Rio de Janeiro. Naquela época os pedidos de bolsas e auxílios eram analisados na Diretoria Científica, que emitia pareceres e enviava os processos para decisão pelo Conselho Deliberativo. O diretor, Manoel da Frota Moreira, pesquisador do então Instituto Manguinhos, contava com o apoio de assessores externos para as diversas áreas do conhecimento. Na época o assessor do Setor de Física era Erasmo Ferreira, professor do Departamento de Física da PUC, e o assessor de Matemática era o saudoso Elon Lajes Lima, do IMPA. Certo dia Erasmo e Elon conversaram com Frota e propuseram que cada um tivesse um auxiliar para examinar pedidos e relatórios e emitir pareceres. Frota concordou, então Erasmo me convidou para assessora-lo e Elon convidou Jacob. Ambos aceitamos os convites e assim passamos a nos encontrar a cada duas ou três semanas na pequena sala de apoio da diretoria científica.

Foi uma época de aprendizado para mim e de muitas dificuldades para a ciência no Brasil. O CNPq, então vinculado à Presidência da República, estava desprestigiado. Os recursos minguavam a cada ano. O presidente do CNPq, Antônio Moreira Couceiro, professor do Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil, não conseguia ser recebido por ministros ou assessores próximos do presidente da república. Então, em 1970, redigimos um documento que abordava a situação da ciência no Brasil e propunha uma reformulação do CNPq, com sugestões de diversas medidas para aumentar sua eficiência e visibilidade. O documento, dirigido ao presidente e ao Conselho Deliberativo do CNPq, foi assinado por Erasmo, por mim, Elon e Jacob, e pelo físico Ramayana Gazzinelli da UFMG, que tinha sido incorporado ao Setor de Física. Uma versão compacta daquele documento está apresentada em meu livro Momentos da Ciência e Tecnologia no Brasil: Uma caminhada de 40 anos pela C&T (Ed. Vieira e Lent, 2010).

As propostas do documento não serviram para muita coisa. O CNPq continuou desprestigiado e, em 1971, o governo Médici nomeou um interventor para presidir o CNPq, o general Artur Mascarenhas Façanha. Frota Moreira continuou na diretoria científica e manteve os assessores. No início de 1972 saí da PUC e vim para o Recife para ajudar na implementação do novo Departamento de Física da UFPE. E a cada um ou dois meses viajava ao Rio de Janeiro para as reuniões dos assessores, e com frequência encontrava Jacob, sempre animado e otimista com o futuro do País e da ciência. No final de 1974, ainda no governo Médici, o CNPq foi transformado numa fundação, com o nome de Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnológico. Em 1975, já no governo Geisel, a sede do CNPq foi transferida para Brasília, com toda a diretoria formada por tecnocratas. A nova diretoria científica, não lembro o nome, dispensou todos assessores externos e passou a usar os próprios técnicos do CNPq para avaliar os pedidos de bolsas e auxílios. Não deu certo, após seis meses a confusão era grande, e o

governo nomeou outro diretor científico, o jovem matemático José Ubirajara Alves. Este então institucionalizou os comitês assessores, formados por pessoas da comunidade científica, que passaram a funcionar com a sistemática que mantém até hoje. A reformulação do CNPq foi acompanhada de um grande aumento em seu orçamento, que também era reforçado por repasses do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), criado em 1971 e gerenciado pela FINEP. Em grande parte da década de 1970, CNPq, CAPES e FINEP atuavam em sintonia para promover a expansão do sistema de pós-graduação e a melhoria das condições de pesquisa no Brasil.

Em 1978 passei a integrar o CA de Física, e Jacob o de Matemática, e assim voltamos a nos encontrar com frequência. No final da década, as dificuldades das contas públicas causadas pela crise do petróleo, foram as principais justificativas do governo para as reduções nos recursos para C&T. Voltamos a nos mobilizar e participamos da elaboração dos documentos de Avaliação e Perspectivas, contendo avaliações detalhadas sobre a evolução e a situação de cada área do conhecimento, e recomendações para o governo. Por duas vezes nas décadas de 1980 e 1990 fui membro do Conselho Deliberativo do CNPq, e em ambas lá estava também Jacob. Em 1994, como Diretor do IMPA, ele me convidou para integrar o CTC, e passei a encontrá-lo nas reuniões naquele belo prédio da Rua Dona Castorina. Também convivemos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), quando ele era seu Vice-Presidente e eu membro do Conselho. Nossa sintonia sobre os problemas do Brasil era reforçada a cada encontro, assim como nosso respeito mútuo e amizade. Certa vez convidei Jacob para apresentar o colóquio do Departamento de Física da UFPE. Ele então falou sobre sistemas dinâmicos não-lineares, sua especialidade. Naquela ocasião estávamos estudando a não-linearidade e o comportamento caótico de ondas de spin em materiais magnéticos. No colóquio aprendemos bastante sobre os fundamentos matemáticos desses sistemas. Depois da apresentação eu o levei ao laboratório e mostrei os experimentos que estávamos fazendo. Lembro da surpresa e satisfação dele ao ver as imagens de uma rota de Feigenbaum e de atratores estranhos na tela do osciloscópio, na vida real.

Na quinta década de nossa convivência, entre 2003 e 2010, eu estava na presidência da FINEP e depois no Ministério da Ciência e Tecnologia, e Jacob na vice-presidência e depois na presidência da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Foi um período excepcional para a ciência no Brasil. Os orçamentos do CNPq, da CAPES, da FINEP e dos institutos do MCT, dentre eles o IMPA, expandiram fortemente. Isto foi feito de forma planejada, com base numa Política e num Plano de Ação em C&T&I, elaborados com forte participação das entidades e sociedades científicas. Como representante da ABC no Conselho de Ciência e Tecnologia (CCT) da Presidência da República, revitalizado pelo Presidente Lula, Jacob participou proativamente das discussões para a elaboração da Política e do Plano de Ação para C&T&I. Durante as discussões sobre a reformulação do programa de Institutos do Milênio, foi dele a sugestão do nome Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT), assim como de várias medidas para a implementação do programa. Lembro bem de nossa satisfação durante a 4ª Conferência

Nacional de C&T&I, em agosto de 2010, com o progresso da ciência no Brasil em todas as áreas e em todas regiões geográficas. Naqueles dias jamais poderíamos imaginar que, dez anos depois, estaríamos vivendo os tempos sombrios de hoje.

Enfim, é com muita satisfação que participo da celebração dos 80 anos deste cidadão exemplar, excepcional cientista e professor. Jacob Palis Junior tem contribuído com seu trabalho, seus sonhos, sua inquietude, seus ensinamentos e seu exemplo de vida e de professor, para formar gerações de bons cidadãos e pesquisadores e para a institucionalização da Ciência no Brasil. Para mim foi um grande privilégio tê-lo tido como professor, colega, companheiro de muitas jornadas, e amigo, durante mais de seis décadas. Juntos vivemos vários períodos de crises e alguns de superação e bonança. Por isso mesmo estamos confiantes que os tempos sombrios que vivemos hoje serão superados, e que o Brasil voltará a ter dias bons para a ciência e para sua população. A hora exige resistência, reação, persistência, trabalho e confiança no futuro.